Elissa Mailänder (2015), *Female SS Guards and Workaday Violence. The Majdanek Concentration Camp, 1942-1944*

Júlia Garraio

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/2253>

DOI: 10.4000/eces.2253

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica

Júlia Garraio, « Elissa Mailänder (2015), *Female SS Guards and Workaday Violence. The Majdanek Concentration Camp, 1942-1944* », *e-cadernos CES* [Online], 27 | 2017, posto online no dia 15 junho 2017, consultado o 24 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/eces/2253> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/eces.2253>

Recensões

ELISSA MAILÄNDER (2015), *FEMALE SS GUARDS AND WORKADAY VIOLENCE. THE MAJDANEK CONCENTRATION CAMP, 1942-1944*. EAST LANSING: MICHIGAN STATE UNIVERSITY PRESS, 434 PP. TRANSLATION BY PATRICIA SZABAR.*

Apesar da vastíssima lista de estudos sobre o Holocausto, um trabalho como o da historiadora Elissa Mailänder (Science Po Paris), sobre a utilização da violência por parte de guardas do sexo feminino no campo de concentração e de extermínio de Majdanek, prova não só que a investigação sobre o Holocausto não se esgotou, como também que a reflexão sobre este evento tem toda a pertinência e atualidade para nos ajudar a perceber o funcionamento de fenómenos de violência genocida e de espaços concentracionários.

Mailänder parte de uma observação com que se depararam muitos investigadores dos campos de concentração e extermínio nacional-socialistas: havendo uma regulamentação para o exercício da violência no tratamento dos prisioneiros, o que explica que os guardas excedessem frequentemente o que estava estipulado nas normas e que a escalada de violência tenha sido levada a cabo por sua própria iniciativa? Ou, olhando para um caso ocorrido no verão de 1943: o que fez com que as guardas de Majdanek tenham agido com tal brutalidade contra prisioneiras judias que tentavam impedir que lhes tirassem os filhos, de modo que um dos seus superiores hierárquicos lhes exigiu que fossem “mais humanas” e lhes explicasse que a situação era muito dolorosa para aquelas mulheres, que sabiam que os seus filhos iam ser levadas para as câmaras de gás (pp. 266-7)?

Exemplos como este têm alimentado um profícuo discurso de demonização, frequentemente associado à sexualização e erotização das guardas dos campos de

* Título original: Elissa Mailänder Koslov (2009), *Gewalt im Dienstalltag: Die SS-Aufseherinnen des Konzentrations- und Vernichtungslagers Majdanek 1942-1944*. Hamburg: Hamburger Edition, 520 pp.

concentração, representadas como mulheres sádicas e como personificação de uma feminilidade corrompida. Lembremos a chamada *Stalag fiction* dos anos 50 e 60, em que os campos de concentração são imaginados como cenários de pornografia sadomasoquista povoados por mulheres SS loiras, sensuais, vestidas de cabedal e de chicote na mão. Não foi só na ficção pornográfica que esta imagem de “feminilidade descarrilada” encontrou eco. Desde a cobertura jornalística dos julgamentos de guardas de campos de concentração até à investigação histórica (veja-se o recente *Hitler's Furies. German Women in the Nazi Killing Fields*, de Wendy Lower), são numerosos os exemplos que insistem na interpretação da participação de mulheres no projeto de extermínio nazi como algo extraordinário, monstruoso e anômalo *precisamente pela sua condição de mulher*. Não se trata, obviamente, de banalizar tais atos de violência genocida, mas é preciso olhar criticamente para estes discursos como estando ancorados numa construção cultural da masculinidade enquanto propensa à violência, por oposição a uma feminilidade construída culturalmente como dócil e maternal. Lembremos que atos semelhantes ou de maior violência quando perpetrados por homens não causaram uma tal perplexidade junto dos jornalistas que acompanharam os mais mediáticos julgamentos de guardas dos campos de concentração.

A questão da identidade sexual é central na investigação de Mailänder, já que escolheu como estudo de caso as 28 mulheres que, entre 1942 e 1944, trabalharam como guardas em Majdanek, campo onde o número de homens das SS costumava rondar os 1200. O estudo não só serve de contraponto às abordagens sensacionalistas e erotizantes da violência perpetrada por mulheres, como também analisa criticamente tais construções sociais da violência. A escolha de Majdanek prende-se, em parte, com a existência de um número considerável de fontes que sustentam uma investigação original. Entre elas, destaca-se o julgamento de Majdanek (1975-1981), o último dos grandes julgamentos de guardas dos campos de concentração, que teve lugar na República Federal da Alemanha e no qual foram julgados seis mulheres e onze homens e ouvidas 340 testemunhas, entre as quais se contavam 215 sobreviventes. Mailänder utilizou ainda interrogatórios e depoimentos de testemunhas de outros julgamentos, documentos oficiais apreendidos pelo Exército Vermelho aquando da libertação do campo, textos autobiográficos de antigos prisioneiros, bem como fotografias, tanto de carácter oficial (por exemplo, visitas de dignitários nazis ao campo) como privado (por exemplo, festas nos tempos livres das guardas). Mailänder faz prova de um rigor notável no tratamento e cruzamento dos diversos tipos de fontes. Analisa os testemunhos como discursos situados no espaço e no tempo, enquadrados pelos interesses e pelas exigências da situação

comunicacional em que se produzem e trata as memórias como narrativas de autorrepresentação moldadas por processos de esquecimento, repressão e racionalização. Da mesma maneira, resiste a uma utilização da foto como ilustração, submetendo-a antes a uma análise no seu contexto de produção. É também notável a forma como a historiadora mantém o/a leitor/a consciente das fontes ausentes do seu trabalho, nomeadamente os documentos destruídos pelas forças nazis durante a evacuação e, sobretudo, a voz das vítimas assassinadas no campo.

A escolha de Majdanek como estudo de caso permite não só uma análise comparativa da questão da identidade sexual no exercício e na perceção da violência, como também abordar a especificidade da violência genocida. É de lamentar que a tradução inglesa do título tenha homogeneizado o que em alemão são conceitos distintos e essenciais para se perceber o funcionamento da rede de campos nazis: campos de concentração, campos de extermínio e campos de concentração e de extermínio. O campo de Majdanek, localizado na Polónia ocupada, foi inicialmente construído como campo de concentração, destinado essencialmente a prisioneiros políticos e de guerra polacos e soviéticos utilizados em trabalhos forçados, passando, em finais de 1942, a funcionar também como campo de extermínio, no projeto de destruição dos judeus europeus. Uma vez que estas guardas tinham trabalhado anteriormente no campo de concentração de Ravensbrück (norte da Alemanha), a transferência para Majdanek permite analisar como a passagem para território estrangeiro ocupado e as práticas genocidas do novo espaço concentracionário influem no exercício da violência no trabalho.

Como metodologia, a investigação de Mailänder é devedora da chamada *Alltagsgeschichte*, o estudo da história baseado na análise do quotidiano. A historiadora parte do princípio de que é no quotidiano que o contexto ideológico se cruza com os interesses pessoais, criando as condições que permitiram aos agentes históricos não só tolerar as exigências do regime, mas também com elas cooperar. Mailänder analisa o modo como as ordens superiores foram decifradas, entendidas, traduzidas, reformuladas, adaptadas e alargadas por estas mulheres, no quotidiano. Foca o seu quotidiano e as suas condições de trabalho no campo de concentração para perceber como indivíduos comuns se apropriaram de normas, discursos e práticas com o intuito de se posicionarem como sujeitos em cenários sociopolíticos mais vastos (p. xiv). Mailänder não tem, assim, a pretensão de explicar a violência nazi, nem de traçar o caminho que conduziu a Alemanha ao Holocausto, mas, através de uma amostra muito precisa, chama a atenção para uma dimensão, ou antes, para uma das diversas peças que permitiram que o Holocausto tenha sido possível.

Vejamos, antes de mais, a estrutura do livro. Ao primeiro capítulo, onde são apresentadas as bases metodológicas do estudo, bem como as fontes utilizadas, segue-se um capítulo expositivo sobre o campo de Majdanek. O terceiro capítulo é dedicado às histórias de vida das guardas do campo, questionando-se o que teria levado mulheres alemãs e austríacas de origens humildes, operárias ou empregadas domésticas, sem cadastro, algumas com filhos e outros familiares a seu cargo, a procurarem trabalho como guardas de campos de concentração. Mailänder dá grande importância às experiências prévias destas mulheres, dedicando por isso o quarto capítulo ao campo de concentração de Ravensbrück enquanto “campo de treino” para a habituação ao exercício da violência. Os capítulos 5 e 6 analisam os processos de adaptação e transformação destas mulheres, ocorridos com a transferência para Majdanek, em território estrangeiro ocupado. O capítulo 7, atendendo à dupla função de Majdanek como campo de concentração e campo de extermínio, analisa o quotidiano destas mulheres dentro da máquina de aniquilação nacional-socialista. Embora o regulamento do campo não previsse que as guardas participassem no processo físico do extermínio (não trabalhavam nas câmaras de gás nem no crematório), o seu quotidiano era marcado por esse processo: faziam as seleções, ouviam os gritos da zona das câmaras, estavam rodeadas pelo odor do crematório. O capítulo 8 é dedicado à atuação das guardas perante as tentativas de fugas de prisioneiros. O capítulo 9 analisa as tensões e desconexões entre os regulamentos do campo no que se refere ao uso da violência e as práticas quotidianas destas mulheres, focando como certas oportunidades de agência e autoridade foram aproveitadas pelas guardas. O capítulo 10 é dedicado à violência como prática social, com destaque para as dinâmicas de grupo e de identidade sexual no seu exercício. Por fim, o capítulo 11 é dedicado ao conceito de crueldade usado para os atos mais brutais e aparentemente gratuitos perpetrados pelas guardas. Resistindo ao sensacionalismo que algumas destas ocorrências poderiam despoletar, Mailänder analisa o carácter “inventivo” de certos atos destas mulheres dentro das dinâmicas do campo, mostrando que o que à partida poderia parecer não ter uma funcionalidade (por exemplo, espancar um prisioneiro moribundo), podia fazer parte de uma escalada de violência fomentada pelas potencialidades da “observação” da violência (por exemplo, antecipar ordens superiores, criar uma aura de poder junto de prisioneiros, ou afirmar-se dentro do grupo profissional).

O estudo de Mailänder situa-se nas correntes historiográficas que argumentam que não é possível compreender a destruição provocada pelo Terceiro Reich se nos focarmos apenas nas intenções de Hitler e na atuação das elites nacional-socialistas, uma vez que não são apenas os indivíduos em posições de comando que são sujeitos

históricos. Ao situar-se na linha de estudos que apontam para a violência racionalizada/normalizada pelos perpetradores como “trabalho” numa lógica industrial (Alf Lüdtke), Mailänder parece, à partida, afastar-se dos estudos sobre a violência nos campos centrados na ideologia antisemita e na explicação da violência ali perpetrada como meio para atingir os objetivos ambicionados por essa ideologia. É de notar, porém, que Mailänder nunca põe em causa a pertinência destas abordagens nos estudos do Holocausto, considerando que os campos resultam inequivocamente da transposição da ideologia nazi para a prática. Porém, ao defender que outros aspetos *também* devem ser tidos em conta, a historiadora desenvolve outras abordagens, das quais fazem parte nomes incontornáveis como Hannah Arendt (o seu conceito de banalidade do mal) e Christopher Browning. No bem conhecido estudo deste último, *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland* (1992), é analisado o percurso de um batalhão de reserva de homens de meia-idade (ou seja, homens que não passaram pelas instituições nazis de doutrinação dos jovens) que, através da prática da violência e numa dinâmica de grupo, passaram, na sua grande maioria, da inicial hesitação/reprovação perante a execução de civis à normalização dessa prática, chegando ao ponto de libertar judeus nos bosques pelo “prazer da caça”. Mailänder, tal como Browning, destaca a violência como habituação dentro de uma dinâmica de grupo e como produto de uma interação complexa entre indivíduos e grupos. Para além disso, chama a atenção para as “oportunidades de carreira” que o Terceiro Reich oferecia. Mailänder argumenta que, longe de estarem motivadas por convicções ideológicas e de revelarem uma adesão ao antisemitismo genocida do regime, estas mulheres foram movidas sobretudo por benefícios pessoais, interesses materiais, pelas possibilidades de ascensão social que o trabalho para as SS lhes oferecia, bem como por certas subjetividades (o gosto pela aventura). Mostra ainda que foi a prática da violência nos campos que as aproximou progressivamente da ideologia do regime, que, para além de lhes oferecer uma identidade corporativa, lhes conferia legitimidade para os seus atos enquanto “trabalho” e “serviço bem feito”. Mailänder é convincente quando argumenta que, longe de terem nascido “especialistas do terror”, aquelas mulheres tornaram-se violentas num contexto institucional e sociocultural específico através de um sistema disciplinador que lhes oferecia simultaneamente formas de realização pessoal e profissional.

Ora, é neste sentido que o estudo de Mailänder, ao abrir espaço para questões tão complexas sobre a responsabilidade do indivíduo em atos de violência e de genocídio e a impossibilidade de proteger o privado do político, se torna tão desconfortável. Uma abordagem como a de Daniel Goldhagen, que atribui o Holocausto ao antisemitismo eliminacionista “específico” do povo alemão (*Hitler’s*

Willing Executioners: Ordinary Germans and the Holocaust, 1996), deixa o/a leitor/a não alemão/o reconfortado/a, sentindo-se protegido por uma “nacionalidade não-antisemita”. Pelo contrário, Mailänder, como aliás Browning, mostra que os crimes mais monstruosos não contam apenas com a participação de fanáticos da ideologia. A investigadora aponta para o familiar, o banal, o “universal” que pode conduzir ao crime: a busca de segurança profissional, do benefício pessoal, os compromissos necessários para a ascensão social, a vontade de agradar aos superiores e de usufruir do respeito dos colegas, a não reflexão sobre a natureza do Estado que se serve, a racionalização do ato violento como legitimado pela “ética do trabalho”, a desumanização e desresponsabilização individual dentro de uma lógica industrial do trabalho. É que, se Majdanek para os prisioneiros era um lugar de terror, de sofrimento e de morte, para as guardas aquele espaço era vivido sobretudo como lugar de trabalho.

Revisto por Sofia Silva

JÚLIA GARRAIO

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
Colégio de São Jerónimo, Largo D. Dinis, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal
Contacto: juliagarraio@ces.uc.pt